

Tiros em Columbine...e em Botafogo, em Santo André, etc. etc. etc.

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

Parece que não se tem outro assunto. A impressão é de que os dias passam, os meses, os anos...e não se pode nem se consegue falar de outra coisa a não ser da violência. Para todo lugar que se olhe, em qualquer ângulo sobre o qual se volte o olhar, a cena é de sangue, de morte provocada por armas, de dor e de lágrimas, de destruição.

No Oriente Médio, israelenses e muçulmanos radicais explodem ônibus, acionam bombas amarradas a corpos humanos, disparam projéteis. E o que fica são os corpos mutilados, as mães e pais em desespero, os cadáveres pelo chão. Na Europa, iranianos se auto-imolam em fogueiras vivas, reivindicando a legitimidade de um regime político alternativo ao que os aiatolás implantaram em seu país.

No Rio de Janeiro, em Botafogo sim, em Botafogo, no tão humano e residencial bairro de Botafogo uma gangue em motocicleta dedica-se a roubar bolsas de incautos pedestres que diariamente cometem a enorme e arriscada aventura de ir ao trabalho a pé. E quando um deles resiste ou tenta fugir, leva um tiro e encontra a morte em poucos minutos. Foi isso o que aconteceu com Sandra Decorte, na última quarta-feira. Juntamente com o marido Valmir, dirigia-se ao trabalho quando foi abatida pelo tiro disparado pela arma do motoqueiro que, exasperado, cobiçava o dinheiro que Sandra pegara pouco antes na lotérica de sua mãe, para depositar no banco. Após esperar meia-hora pela chegada de uma ambulância, Sandra não resistiu e morreu.

Em Santo André, no ABC paulista, Sandro Luiz, um dos filhos do presidente Lula, visitava a namorada. O carro da presidência que o levava até lá foi assaltado e o subtenente do Exército Alcir Tomazi, que fazia sua segurança, foi atingido por uma bala no crânio. Levado ao hospital, foi operado, mas veio a falecer na noite de quinta para sexta-feira.

Em meio a tão sinistra e absurda situação, o cineasta Richard Moore, realizador do grande filme "Tiros em Columbine", traça um mapa da violência urbana nos Estados Unidos e chega à conclusão de que o que domina o imaginário norte-americano e que o faz ter obsessão por armas e defesa pessoal é o medo. E é este medo a raiz mais profunda da bárbara escalada dos homicídios nas cidades americanas, que chegam a 21.000 por ano, cifras gigantescas, se comparadas com o Canadá, a Alemanha, a Inglaterra e outros países do primeiro mundo.

Hoje temos certamente mais que um bom filme sobre a violência urbana na cinematografia brasileira. O narcotráfico, a injustiça social, a baixa qualificação da polícia aparecem claramente na raiz do que acontece em nossas cidades. Haveria, no entanto, que mergulhar mais fundo. Encontrar, além de motivações econômicas, políticas e sociais, as motivações psicológicas, afetivas, que fazem com que toda uma cidade, todo um país, estejam neste momento à mercê do crime, sem que se encontre sequer um caminho para começar a agir e sanar a situação pela raiz.

E é urgente que este diagnóstico se faça. Pois se "Tiros em Columbine" nos informa que nos EUA morrem anualmente 21.000 pessoas vítimas dos homicídios urbanos, no Brasil este número pula para 40.000. Matamos o equivalente a uma guerra do Vietnã por ano. O que, no mais profundo do psiquismo humano, leva o ser humano a matar seu semelhante? O que faz com que o homem mesmo seja o exterminador do homem?

A Bíblia já se fez essa pergunta e os escritores bíblicos experimentaram perplexidade semelhante à nossa ao constatar que a vida criada por Deus era sistematicamente desrespeitada pelas criaturas humanas que se matavam umas às outras sem contemplação. No entanto, diante desta agressão a seu plano criador, o Deus da Bíblia não responde mimetizando a violência humana. Embora reprovando-a energeticamente, não a reproduz nem imita. E sobre a cabeça do assassino Caim não traça uma jura de morte e sim um sinal de proteção, que lhe permitirá vagar errante sobre a terra sem que ninguém o ataque (cf. Gen 4, 1-24).

Se a impunidade não é o caminho, certamente o revide e a vingança cegos e destruidores tampouco o são. É urgente, entretanto, achar o caminho, que não é nem poderá ser o do ódio, do rancor ou da revanche, mas do perdão esclarecido e da justiça não retributiva, mas restaurativa, como o é a justiça de Deus.